



FLORESTAS DOS YAGUAS.

PAISAGENS DA AMERICA DO SUL.

I

FLORESTAS DOS YAGUAS.

Estas immensas florestas, onde se desinvolva ainda livremente uma vegetação esplendida e variada, estendem-se ao longo da margem esquerda do Maranhão, a quinze ou vinte leguas da sua junção com o Napo. Um intrepido viajante italiano, mr. Gaetano Osculati, percorreu-as recentemente; e graças a elle, começamos a conhecer os immensos recursos que offerecem ao commercio, e os costumes originaes das povoações que ahí teem morada.

VOL. II — 4.º SERIE.

Uma d'estas tribus errantes é que lhes impoz o nome. Os Yaguas são originarios do Peru, e teem a pretensão de descenderem da nação dos Incas. São altos, robustos, de bella apparencia, com o corpo pintado de maneira singular, e distinguem-se dos seus vizinhos, os Ticunas e Orejones, pela côr dos cabellos que, de ordinario negro n'estes, são n'aquelles frequentemente castanhos. Isto parece indicar mistura com a raça europea. Além d'isso, nada attesta esta origem, porque andam perfeitamente nus, e só enfeitados com os seus braceletes. Teem caracter pacifico; a sua comunicação é facil, e mostram-se hospitaleiros. Recolhem, das suas bellas florestas, o cacau bravo e que nem por isso é peor, a baunilha que deve aromatisal-o, a sal-

JANEIRO, 9, 1858.

saparrilha que escacêa em tantos outros sitios, e o excellente algodão que não tem o trabalho de cultivar. Juntando a isto uma pouca de cera branca, e que contrasta pelas suas qualidades com a cera denegrada que se recolhe nas florestas brasileiras, teremos os principaes artigos de exportação de que estes indios fazem uma especie de trafico com os brancos. Mas os Yaguas não são habitualmente commerciantes; são caçadores, e principalmente pescadores. Elles é que abastecem as aldêas visinhas das suas florestas da excellente carne da vaca marinha, que se designa, nos paizes de idioma portuguez, pelo nome de *peixe-boi*, e cujo gosto é semelhante ao da vitella. Nas aguas que banham as suas florestas, os Yaguas, como as outras tribus de borda d'agua, pescam excellentes tartarugas, que conservam cuidadosamente para os tempos d'escassez, e alcançam por um processo assaz engenhoso. Depois de terem armado uma flecha com um pequeno arpeo de ferrô movel, ao qual atam uma corda, sobem para a canoa e lançam este aparelho ao amphibio; a ponta penetra na concha eahi se fixa; o animal mergulha immediatamente, o cordelinho desenrola-se e fluctua á superficie da agua. O indio agarra-o com destreza, de maneira a erguer a enorme tartaruga que, presa promptamente pelas patas; é mettida na piroga. O primeiro cuidado do pescador é tapar, com uma mistura de terra e cera, a abertura feita na concha pela ponta do arpeo. A omissão d'esta precaução poria em perigo a vida do animal. Depois de ter sido agarrada, a tartaruga vive annos em pequenos viveiros que o indio cava a alguns passos da sua cabana. Esta lucrativa pesca é mais particularmente praticada pelos Mayouranas, tribu errante a alguma distancia.

Quem o acreditará? entre esta aprasivel confusão de vegetaes graciosos e elegantes, entre estes innumeraveis cipós que se arremeçam, na floresta dos Yaguas, d'uma arvore a outra, é que se encontram as funestas plantas destinadas a fornecer aos indios d'estas paragens um veneno, com o qual, para nos servirmos da expressão d'um d'estes selvagens, «se mata devagarinho.» Este terrivel veneno, que tem o nome de *wurali* e com que o indio envenena as suas settas, obtem-se da reunião dos succos de muitos vegetaes; mas é principalmente um cipó que o fornece, e este chama-se em bom direito, na linguagem figurada dos habitantes do Amazonas, *supai-hausca*, a *corda do diabo*. O fabrico do *wurali*, sendo entretanto um segredo, foi perfectamente descripto por Watterton; mas o que este viajante parece ter ignorado e Osculati nos revela, é que ha tres variedades d'elle, que tem denominações particulares e qualidades apreciadas pelo caçador. O veneno *ticunas*, por exemplo, misturado com o *llamas*, é o que se chama o *veneno general* (o veneno empregado geralmente). Os Yaguas conservam-no em pequenos vasos, que fabricam de proposito para o guardar. A exportação é hoje consideravel; veem compral-o do Peru, mediante

certas mercadorias europeas; e os negociantes que fazem este trafico, levam-no depois aos outros indios. É a substancia, infallivel nos seus efeitos, que substitue a polvora, e tem sobre esta a vantagem de não espantar a caça.

II

O APURIMAC.

Vinte leguas abaixo da foz do *Tigre*, o bello rio americano cuja riqueza la Condamine celebra, e que julga muito mais magestoso que o rio asiatico do mesmo nome, vê-se a confluencia do Tanguragua e do Ucayali. O Ucayali é um grande ribeiro, que começa pelos dezoito graus, ao sueste do grande lago de Titicaca, a trinta e seis leguas a esnordeste da cidade peruviana d'Arica; e corre ao nornordeste, com o nome de Beni ou Benni, até se lançar no Apurimac, pelos onze graus: é então que o seu curso tumultuoso toma o nome d'Ucayali.

As origens do Apurimac propriamente ditas são a algumas leguas ao norte da cidade d'Arequipa, entre o lago Titicaca e o grande oceano. Corre ao norte, fazendo grandes rodeios e recebendo muitos outros tributarios. O Apurimac não pode ser atravessado ordinariamente senão por meio de pontes suspensas, que se balanceam ás vezes em alturas assustadoras. Examinando attentamente o que la Condamine disse, ha mais de um seculo, d'estas pontes que se encontram a cada momento nos Andes, deve suppor-se algum progresso na sua construcção. Eis como as descreve um viajante peruviano, Valdés y Palacios: «Estas pontes são fixas em duas rochas vivas, que jazem defronte uma da outra; mas, geralmente, na parte mais estreita do rio; consistem em seis grossos cabos de junco ou cipó fortemente entrançados, dispostos parallelamente em pequenas, mas eguaes distancias, e atravessando assim a corrente da agua ou o precipicio. Quatro estão collocados mais abaixo, e dois mais acima: os primeiros, cobertos d'uma especie de junco e ostentando uma forma parabolica, que lhe vem do proprio peso e do continuo passar dos viandantes, servem de via de communicação; os segundos, elevados uma vara pouco mais ou menos dos lados, servem de peitoris. Estas seis cordas estão atadas a quatro ou cinco troncos de enormes arvores dispostos parallelamente, em distancias regulares, e ligadas a outros troncos não menos grossos enterrados profundamente, e seguros, na parte superior, por grandes fragmentos de rochedos accumulados. Estes cabos, enrolados assim successivamente do primeiro ao quarto tronco d'arvore, prolongam-se a grande distancia. No caminho, á entrada de cada ponte, ha uma especie de telheiros espaçosos, cobertos de palha, onde os viajantes podem refrescar-se, tendo ahi, conforme o seu gosto, a cerveja, o leite ou o requeijão; tambem se obtem queijo e os deliciosos fructos que se desi-

gnam pelo nome d'uvillas, fructos que se encontram por toda a parte, n'estas paragens, na maior abundancia. Tudo isto não custa mais de um ou dois reales.

A passagem das pontes começa geralmente ás seis horas da manhã, e continua com a mesma affluencia até ás seis da tarde. Nada mais animado ás vezes do que o espectáculo que estes logares magestosos apresentam no momento da passagem: quasi sempre rebanhos d'animaes de todas as especies, confundidos com os viandantes, esperam o momento em que poderão atravessar o precipicio, completando a originalidade das paisagens das regiões equatoriaes.

LISTA DOS PRELADOS DA AFRICA PORTUGUEZA.

BISPOS DE CABO VERDE.

- D. Braz Neto, 1532.
- D. João d'Evora, 1540.
- D. Fr. Francisco da Cruz, 1554.
- D. Bartholomeu Leitão, 1576.
- D. Fr. Pedro Brandão, 1589.
- D. Fr. Gaspar Leitão, 1600.
- D. Fr. Sebastião d'Ascensão, 1611.
- D. Fr. Antonio dos Anjos, 1619.
- D. Fr. Manuel Affonso Guerra, 1622.
- D. Antonio Martins, 1624.
- D. Fr. Lourenço Garro, 1627.
- D. Fr. Francisco de S. Diogo, 1668.
- D. Leonardo de S. Agostinho, 1670.
- D. Fr. Fabião dos Anjos, 1672.
- D. Fr. Antonio de S. Dionisio, 1675.
- D. Fr. Victorino do Porto, 1687.
- D. Fr. Francisco de S. Agostinho, 1709.
- D. Fr. José de Santa Maria, 1720.
- D. Fr. João de Faro, 1738.
- D. Fr. João Moreira, 1742.
- D. Fr. Pedro Jacintho Valente, 1734.
- D. Fr. Francisco de S. Simão, 1781.
- D. Fr. Christovão de S. Boaventura, 1786.
- D. Fr. Silvestre de Maria Santissima, 1803.
- D. Fr. Jeronymo da Barca, 1818.
- Joaquim da Silva (governador do bispado), 1834.
- D. João Henriques Moniz, 1841.
- D. Patricio Xavier de Moura, 1848.

A cathedral de Cabo Verde era na cidade da Ribeira Grande, porém está arruinada; e os bispos residem communmente na ilha Brava.

BISPOS DE S. THOMÉ E CONGO.

- D. Fr. Bernardo da Cruz, 1534.
- D. Fr. Jeronymo d'Azambuja, 1552.
- D. Fr. João Baptista, idem.
- D. Fr. Gaspar Cam, 1554.
- D. Martinho de Ulhoa, 1577.
- D. Francisco de Villa-Nova, 1590.

Separou-se esta diocese em duas, ficando a

séde de uma na ilha de S. Thomé, e a da outra em S. Salvador do Congo.

BISPOS DE S. THOMÉ.

- D. Fr. Antonio Valente, 1603.
- D. Fr. Jeronymo Quintanilha, 1610.
- D. Fr. Pedro da Cunha Lobo, 1614.
- D. Francisco de Soveral, 1623.
- D. Fr. Domingos da Assumpção, 1626.
- D. Fr. Antonio Nogueira, 1636.
- D. Fr. Bento de S. Jorge, 1641.
- D. Fr. Manuel do Nascimento, 1674.
- D. Bernardo Zuzarte de Andrade, 1679.
- D. Fr. Sebastião de S. Paulo, 1688.
- D. Fr. Thimoteo do Sacramento, 1693.
- D. Fr. Antonio da Penha de França, 1698.
- D. Fr. João de Sahagum, 1709.
- D. Fr. Leandro da Piedade, 1734.
- D. Fr. Luiz da Conceição, 1744.
- D. Fr. Luiz das Chagas, 1745.
- D. Antonio Nogueira, 1753.
- D. Fr. Domingos do Rosario, 1782.
- D. Fr. Vicente Ferrer, 1790.
- D. Fr. Raphael de Castello de Vide, 1795.
- D. Fr. Caetano de Nossa Senhora do Populo, 1802.
- D. Fr. Custodio de Sant'Anna, 1805.
- D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, 1812.

Depois d'esta data só tem havido ali governadores do bispado.

BISPOS DO CONGO E ANGOLA.

- D. Fr. Miguel Rangel, 1597.
- D. Fr. Manuel Baptista, 1606.
- D. Francisco de Soveral, 1625.
- D. Fr. Simão Mascarenhas, 1626.
- Mudou a séde do bispado para Loanda.
- D. Fr. Antonio do Espirito Santo, 1673.
- D. Jorge da Guerra, 1676.
- D. Fr. Manuel da Natividade, 1680.
- D. João Franco d'Oliveira, 1688.
- D. Fr. José d'Oliveira, 1694.
- D. Luiz Simões Brandão, 1701.
- D. Fr. Manuel de Santa Catharina, 1720.
- D. Fr. Antonio do Desterro, 1738.
- D. Fr. Manuel de Santa Ignez, 1745.
- D. Fr. Francisco de S. Thomaz, 1762.
- D. Fr. Luiz da Annunciação, 1772.
- D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia (bispo de Malaca), 1784.
- D. Luiz de Brito Homem, 1795.
- D. Joaquim Maria Mascarenhas, 1805.
- D. Fr. João Damasceno Povoas, 1818.
- D. Leonardo José Villela, 1840.
- D. Sebastião Gomes e Lemos, 1845.
- D. Joaquim Moreira Reis, 1849.

B.

Os successores de S. Pedro devem seguir, não o exemplo d'elle, quando desembainhou a espada contra Malco; mas o preceito de Christo, reprehendendo-o.



PONTE SOBRE O APURIMAC.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

VII

DECLARAÇÕES.

Continuação.

Corria o anno de 1641; e no dia 29 de Agosto d'esse anno, pelo mallogro da conspiração do arcebispo de Braga em favor de Castella, de que eram complices o duque de Caminha e o mar-

quez de Villa Real, na praça do Rocio se levantou um cadafalso onde os traidores á liberdade e independencia portugueza satisfizeram com a vida a divida á patria.

«No começo d'esse mesmo mez n'uma casa, junto á *porta da Alfosa*, uma mulher acabava de dar á luz um menino; e no mesmo quarto em que a scena se passava, um homem alto, bem feito, e apessoado, mostrando porém nas feições aquellas rugas que os dissabores e pesares deixam impressas para não mais se desvanecerem, curvava-se sobre o leito, e contemplava com prazer o recém-nascido. Este homem era pae: e aquella creança, para quem a vida começava a correr, era o segundo fructo do seu consorcio, que o primeiro fôra uma menina, que n'aquella

mesma alcova jazia deitada n'um berço dormindo descuidada da scena que junto d'ella se passava.

«Quadro digno de contemplar-se. A mulher esquecia os padecimentos e perigos que acabara de correr; olvidava o medonho aspecto da morte com que luctara poucos momentos antes, para contemplar, com o sorriso que n'aquelle instante errava sobre seus empallidecidos labios, o carinho e sollicitude do esposo, que no delirio de seu paternal transporte derramava lagrimas de ternura sobre as pequeninas mãos e avermelhadas faces do recém-nascido.

«E aquelle homem não se lembrava então da sentença que pozera a preço sua cabeça! Esquecia o cadafalso que se erguera para morte de afronta e ignominia; deslembrava-se do carrasco, que aguardando-o qual victima destinada ao holocausto corria o laço que lhe cingiria o pescoço. N'aquelle momento, a turba avida e sedenta de um espectáculo de sangue não se lhe representava na mente, ebria de amor; não considerava na vileza e infamia d'esse povo immoral, que ao gemido da natureza, ao arquejar do moribundo, ao estrabuxar no lance fatal, bate as palmas, conta os menores movimentos do suppliciado, folga e ri, como se assistira a uma boda ou baptisado, a uma festa nacional!.. Terrivel epigramma lançado a Europa culta! boda da força com o condemnado; festa de canibae; baptismo de sangue!

«Aquelle homem era um dos implicados na conspiração de 1641; e a ponto de se evadir para Hespanha, quando seus complices foram presos, buscou escondrijo na cidade para aguardar a hora em que pela segunda vez tinha de ser pae. Descoberto e denunciado o seu asylo por um d'aquelles inimigos pessoas, cujo odio se não sacia senão com sangue, mal sabia elle que tão a deshoras da noite as justiças d'el-rei n'aquelle momento lhe cercavam a casa para prendel-o!

«A parteira, chamada para coadjuvar o esforço da natureza, e que concluíra seu mester, contemplava enternecida o quadro que se debuxava em sua presença, e costumada que estava a semelhantes scenas, jámais vira tanta ternura, affecto, e amor. Elle beijava mil vezes o tenro filho: não se saciava de contemplar-lhe as delicadas feições ainda informes, e no excesso de sua alegria já queria entender-lhe o nome de pae no debil vagido que a creança solta ao entrar no mundo! Tal é a embriaguez do homem que se vê pae, e constituido o tronco d'uma familia, a quem vae legar honra ou infamia; um nome illustre, ou marcado já com o ferrete da ignominia—prejuiso horrivel que os seculos futuros tem de extirpar!.. O malvado, acobertado com um nome illustre, campeia entre a sociedade: e muitas vezes o homem de honra tem que arrastar no mundo vida de infamia, só porque a desgraça feriu de perto o autor dos seus dias, porque uma sentença o exautorou do sôro

de cidadão, a galé ou o patibulo findaram o drama ensanguentado d'uma triste vida, lá vae o infeliz e o innocente filho, qual Caim reprovado, de quem fogem as gerações, definhar-se n'uma existencia de angustias que lhe empesta o ar que respira, o ceo que o cobre, e a terra que pisa!..

«Deixemo-nos porém de moralisar, e prosigamos na catastrophe.

Continua.

NÃO ME ACREDITAS?

Não me acreditas, meu anjo?
Ou crendo, crês este amor,
Uma instantanea scentelha
De passageiro fulgor?

Pois não vês, tu não reparas,
Que o meu peito — escravo teu,
Se tu suspiras, suspira,
Se te vê triste gemeu?

Se um sorriso de alegria
Vem o teu rosto esmaltar,
Eil-o extremoso e contente
Do sorriso a quinhoar!

Tu não vês como a teu lado
Esqueço tudo por ti,
Sem que as nuvens do passado
Perturbem tal goso ali?

Não reparas que alvoroço
Sinto ao ver-te! — Não te diz
O coração satisfeito:
«Eu sou que o torno feliz?»

A minha alegria ao ver-te,
Ao deixar-te a minha dôr,
Que será senão ternura,
Que dirá senão amor!

O cuidado que me agita
Quando te vejo soffrer,
Não diz mais que sympathia?
Muito amor não quer dizer?

A saudade que, ao deixar-te,
A minh'alma vem pungir,
À tua incredulidade
Não vae amor traduzir?

Olha, qu'rida, não se fingem,
Tal amor, extremos taes!
É diferente a falsa angustia
Da magoa exhalada em ais!

Não me acreditas ainda?
Podes inda duvidar?
Oh! maldigo o teu passado,
Que assim me vem torturar.

Perdoa-me, involuntario,
Este brado de afflicção,
Deve mer'cer-te a indulgencia
Do teu nobre coração!

Se eu acendi n'elle a chamma,
D'um ardente amor sem fim,
Porque não crês como eu creio?
Porque duvidas de mim?

MENDES LEAL (ANTONIO).

CARTA ESCRITA PELO INQUISIDOR DE CALAHORRA AO
CONDESTAVEL DE NAVARRA, SOBRE O SUCCESSO DAS
BRUXAS.

Conclusão.

Os mandamentos que lhes manda guardar, é que façam em seu serviço a todos o mal que puderem fazer, assim em matar homens, mulheres e creanças, como em destruir tudo que a terra produz, que ao que mais mal faz o demonio lhe da maior premio, e se algum não faz mal o maltratam e lhe dão pancada, de maneira que e forçoso que todos os que o seguem façam mal.

As noites que teem nomeadas para ir ter ajuntamento com o demonio são as sextas-feiras á meia noite que vão entre as onze e as doze, e voltam em cantando os gallos, e a razão que dão porque vão mais á sexta-feira do que nos outros dias, é por mais vituperio e offensa a Nosso Senhor, e pela alegria que mostram ter em que Judas vendesse a Christo por trinta dinheiros, e em tal dia foi crucificado: maior festa fazem d'alegria na noite de sabbado; então trabalham para fazer maiores males, e manifestam que em cantando os gallos não teem communicação com os demonios; eu tenho trabalhado para saber a razão d'isto, e a que me deu uma bruxa e um bruxo e que o bater das azas do gallo tres vezes, denota o nascimento do Senhor, pelo qual o demonio se apartou do homem, e aquella separação que agora faz, denota tambem como S. Pedro negou a Nosso Senhor na noite da sua paixão, que esteve em peccado até que o gallo cantou, e cantando, o demonio se apartou d'elle logo, tendo dôr do seu peccado.

Estas duas interpretações que dão, cada uma e de grandissimo mysterio, especialmente de pessoas tão simples como são estas que andam n'esta sociedade, e dizem que nenhuma operação teem de fazer com a mão direita, e o que mais lhes é vedado, é que não nomeiem o nome de Jesus nem se benzam, e por muitas partes tenho averiguado se o nomeiam andando n'estes passos e em ajuntamentos maus que em o dizendo desaparecem.

Tambem manifestam ellas e elles que para fazer as operações com que matam as pessoas e destroem os fructos e montes, tratam e dizem que não se pode fazer sem corações de meninos mis-

turados com o que ellas fazem, e por esta causa os matam aos meninos e os desenterram e tiram os corações, como eu por experiencia os tenho feito desenterrar e tenho achado ser assim por meus processos; e alguns me teem manifestado terem tirado os corações e fazendo abrir as sepulturas achar os meninos sem coração. Na maneira porque matam os meninos ha um mysterio muito grande: é que se a mãe ou ama que os cria tem cuidado de os benzer não teem poder para mata-los, e se as que os criam não os benzem, o demonio lhes leva a noticia, e diz em tal parte ha uma creança a quem não teem benzido, ireis lá e a matareis; e d'esta maneira apparece-lhes como cão e outras vezes em figura de homem; e assim veem ás portas fazer a untura, e para mais dissimular se alguns não matam, lhes deitam veneno na bocca para que morram em poucos dias.

E tambem está averiguado que se ha na camara a figura d'um crucifixo ou imagem de Nossa Senhora, ou agua benta, não teem poder para fazer mal; e assim mesmo confessam que se em alguma herdade ha uma cruz qualquer, que não se destruirá o fructo d'ella com tempestades de pedra, e isto é coisa muito approvada, que consta da confissão de certas bruxas que tinham por costume em cada anno apedrejar a herdade d'um homem, e de poucos dias a esta parte poz uma cruz de pau, e depois que a poz colhe são todos os fructos d'ella e não os destroe a tempestade; confessam por mui averiguado que depois que se fazem bruxas não vêem o Santissimo Sacramento do altar, e se confessam suas culpas e tornam a ver como d'antes, como se não foram bruxas; podem-se conhecer por um signal que se lhes imprime no olho esquerdo em cima do negro do olho, e para as conhecer tenho pessoa que as conhece que é coisa maravilhosa e averiguada.

Ha muito que tratar nos que tenho feito justificar e nos que tenho presos, que os males que fazem são tão grandes e tantos que não se podem contar, e matam com peçonha aos homens e mulheres e creanças e a seus proprios filhos e irmãos e outros parentes e parentas suas como consta por suas confissões e processos, e por suas proprias mãos tem morto seus gados e perdem a bolota dos montes e hortaliças e fructos da terra, deitando peçonha por cima da terra com a mão esquerda com certas maldições que dizem ao campo a que as deitam, que costumam fazer cair chuva de pedra segundo o que teem confessado, e creia v. s. que quando a terra se perde por pedra e tempestades n'este reino ou em outra qualquer parte, que é por maleficio d'ellas como eu quando fôr necessario direi; sabem enfeitiçar para que quando saem a seus ajuntamentos ou más operações não as sintam nas casas aonde entram a fazer mal, fazem dormir de maneira que podem ir e entrar e voltar seguras, e sabem enfeitiçar para que o homem não tenha parte com sua mulher, e tenho achado por experiencia haverem enfeitiçado a seus proprios filhos e netos ao tempo dos seus casamentos para fazer maiores males e

despresal-os, e quem mais mal faz e pode fazer e mais grave é o peccado tanto mais merito tem com Satanaz, e por isso matam a seus filhos e fazem outros maleficios e peccados gravissimos.

Na noite de Santa Cruz de Setembro, vi certos valles e logares e villas d'esta terra com uma tempestade subita que durou mais de duas horas, que caiu tanta agua que levou muitos moinhos e montados e frutos e vinhas e arvores, que deixou signal, e foi tão grande o damno que foi coisa monstruosa. Eu descobri por muitos bruxos e bruxas que vinham com intenção de deitar a perder as vinhas de Pamplona, e não puderam sair com seus intentos porque dizem que viram uma cruz grande e branca, a qual tempestade foi tão grande de vento e agua e pedra, que derocou uma cruz grande que estava na praça de S. Lourenço de Pamplona, alta, com quatro columnas e coberta, e ainda que eu tenho dado em fazer justiça, e tenho muitos presos, não deixa o demonio de fazer seus ajuntamentos com os que ficam, e são tantos os males que fazem que não se podem contar por largo juizo que faça, e isto de fazer mal o congregam e tratam em seus ajuntamentos os que ha por prender, e tenho sabido dos que preendi, como o demonio os manda agora fazer mais mal que nunca, e o demonio os induz que sigam sua lei com falsos promettimentos, e lhes diz que os que justiça e queimam os faz erentes que os resuscita e lhes mostra as proprias figuras que antes tinham aquelles que foram justicados, e que assim fará a elles, que não deixem de fazer o mais mal que puderem, e que procurem *matar-me a mim por todas as vias que puderem que logo será acabada sua perseguição em sendo eu acabado.* Deus o remedeie como pode por sua infinita bondade. De Pamplona a treze dias do mez d'Abril do anno de mil quinhentos e noventa annos.»

Ahi fica esse modelo de eloquencia, e bem retratadas n'elle a hypocrisia, a maldade, e a ignorancia.

DIREITO PUBLICO GERMANICO.

Conclusão.

Antigamente, depois de coroados em Alemanha, iam coroar-se tambem a Roma como reis dos romanos. A isto chamava-se a *expedição romana*; e em Milão, Monza, Pavia, ou Modena, como reis da Lombardia. Ha muito tempo, porém, dispensaram-se estas duas ceremonias, com sentimento do papa, que pretende ter a prerogativa de confirmar o direito dos imperadores.

Muitas vezes a necessidade dos tempos forçou os imperadores a pèdirem aos papas a confirmação de suas eleições. Bonifacio VIII a recusou a Alberto d'Austria, por se haver feito a eleição sem seu consentimento; mas desde o anno de 1338, os estados do imperio, irritados de recusar o papa João XXII dar a absolvição a Luiz de

Baviera, decidiram que um principe eleito a pluralidade de votos estava no direito de exercer os actos de soberania, mesmo quando o papa se negasse a reconhecê-lo; e declararam criminoso de lesa-magestade quem ousasse sustentar o contrario. O papa, para pôr seus direitos a coberto, envia um nuncio para assistir da sua parte a coroação; mas este ministro é ali reputado unicamente apar dos das potencias europeas, que não tomam parte na eleição. Carlos V foi o unico imperador coroadado em Italia pelo papa. O imperador, antes e depois da coroação, qualifica-se *de imperador eleito dos romanos*, para fazer ver que não deve a sua dignidade a esta cerimonia, e sim aos suffragios dos eleitores.

O imperador longe está de poder exercer uma autoridade arbitraria e illimitada no imperio, pois que não tem direito de fazer leis. O poder legislativo reside em todo o imperio, do qual não é mais que o representante, exercendo em seu nome os direitos da soberania *jure majestaticæ*. Contudo, para uma resolução ter força de lei, é preciso que o imperador lhe ponha o seu sello.

O imperador não tem por esta qualidade nenhum dominio, ou renda; e o casual, que consiste n'algumas contribuições gratuitas, e pequena coisa. Não-pode crear novos eleitores, nem novos estados no imperio. Não tem direito de privar nenhum dos estados das suas prerogativas, nem de dispôr de algum dos feudos do imperio, sem o consentimento de todos os estados. Estes não pagam tributo algum ao imperador. No caso de guerra que interesse a todo o imperio, e comprehendida com o seu concurso, concedem-se-lhe as sommas necessarias. O imperador, como tal, não pode fazer a guerra ou a paz, nem contractar nenhuma alliança, sem o consentimento do imperio. D'aqui se vê que a sua autoridade é mui pequena.

Os direitos particulares do imperador chamam-se *reservata cesarea*. O primeiro é o direito *primaria preçum*, que consiste na nomeação para algum beneficio de qualquer collegiada; segundo, o direito de dar a investidura dos feudos immediatos do imperio; terceiro, o de conceder salvos conductos, cartas de legitimação, naturalisação, dispensa de idade, cartas de nobreza, titulos, etc., e fundar universidades; quarto, conceder o direito de peagens, etc., mas este direito está limitado.

Os imperadores da Alemanha, porque pretendem ter succedido aos antigos imperadores romanos, tomam o titulo de *Cesares*. Tambem tem o de *Augusto*. Usam egualmente o de *Invencivel*, *chefe temporal da christandade*, *advogado ou defensor da egreja*, etc. Fallando-se ao imperador dá-se-lhe o tratamento de *sagrada magestade*. Tem nas armas a aguia de duas cabeças, como symbolo dos dois imperios, de Roma e Germania.

Hoje o direito publico germanico, em virtude do actual estado da Europa, e tratados que a regulam, pode dizer-se extincto. A.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DE SEGUNDA RAÇA.

Continuação.

Carlos II, o Calvo.

841—874. Tres filhos armados contra seu pae despedaçaram o vasto imperio de Carlos Magno: tres irmãos divididos entre si acabaram de enfraquecel-o. Carlos e Luiz de Baviera uniram-se contra o imperador Lothario, e ganharam a famosa batalha de Fontenai, em Borgonha, que custou a vida a mais de cem mil francezes. O novo monarcha não gosou da sua victoria: concluiu-se a paz. Outra guerra, tão sanguinolenta como ruinosa para o estado, veiu occupal-o. Os normandos, depois do reinado de Carlos Magno, ameaçavam a França. No tempo de Luiz o Boudoso, tinham elles mais d'uma vez devastado provincias, arruinado praças fortes, e roubado mosteiros. Governando Carlos o Calvo, esse povo-ladrão e guerreiro aproveitou cada vez mais as desordens do estado, para estender e multiplicar as suas assolações: o fraco monarcha oppoz-lhes o oiro em vez do ferro. Estas attentões, indignas d'um rei que devia antes combater do que mercadejar, occasionaram novas correrias, e mais frequentes depredações.

875. Carlos foi imperador por morte de Luiz II, seu sobrinho, fallecido sem filhos. O papa conferiu-lhe o diadema por autoridade propria, e o principe parêceu recebê-lo como dadia do pontifice. Ate então, nem o consentimento nem a consagração dos papas tinham parecido necessarios para a eleição dos imperadores; mas, desde Carlos Magno, os espiritos estavam muito mudados: a fraqueza dos reis, que constituia a força da cõrte de Roma, tornou esta bem depressa arbitro das corôas e dos monarchas.

877. O novo imperador, querendo aproveitar a morte de Luiz o Germanico, seu irmão, para espoliar os filhos d'este principe, foi batido por Luiz, que era um d'elles. O joven vencedor não deu descanso a seu tio, que, apertado de todas as partes, passou outra vez a Italia, e morreu em Brioud ou Brios, aldêa do Monte Cenis, diz-se que envenenado pelo judeu Sedecias, seu medico e favorito. Fôra dois annos imperador, trinta e oito rei, e tinha cincoenta e quatro de idade. O seu reinado foi o dos bispos, e deve ser olhado como a epoca da decadencia da casa Carolingiana. Articioso, trapaceiro, perverso, aborrecido dos grandes e do povo, despresado geralmente, não soube defender os seus estados contra os normandos, e quiz sempre espoliar a sua familia. Os sabios que accumularam de beneficios, a exemplo de seu avô, deram-lhe o nome de *Grande*; mas a posteridade, mais justa, deixou-lhe o de *Calvo*, porque effectivamente o era.

Successores de Carlos o Calvo.

878. Luiz II, appellidado o Gago, por causa

do defeito que tinha na lingua, subiu ao throno de seu pae, e não se mostrou mais digno d'elle. Foi obrigado a desmembrar uma grande parte dos seus dominios em favor de Boson, conde de Provença, e de muitos outros nobres descontentes. Logo depois morreu em Compiègne, na idade de trinta e tres annos, pouco mais ou menos, e quasi dezoito mezes de reinado.

879. Luiz III, e Carloman, filhos de Luiz o Gago, succederam-lhe, e reinaram muito pouco. Dividiram o reino de França, e viveram na mais perfeita união. Luiz derrotou *Hugo o Bastardo*, filho de Lothario e de Valdrade, marchou contra Boson, e oppoz-se ás correrias dos normandos, sobre os quaes alcançou uma grande victoria no Vimeux, em 882. Morreu sem filhos, a 4 d'Agosto seguinte. Carloman ficou rei unico de França; mas não conservou senão dois annos a corôa que parecia digno de possuir: morreu sem posteridade, em 884, d'uma ferida feita por um javali andando á caça.

885. O throno francez pertencia a *Carlos o Simples*, filho posthumo de Luiz o Gago; mas este principe era ainda creança, e convinha um homem para resistir aos barbaros, que não cessavam de invadir a França. Deu-se pois a corôa a Carlos cognominado o *Gordo*, já imperador, proximo parente do moço Carlos; e o novo monarcha viu sob suas leis quasi tantos estados como Carlos Magno; porém era muito fraco para sustentar tão grande fortuna: ella opprimiu-o.

886. Os normandos pozeram cerco a Paris, cujos habitantes se defenderam com heroico valor. Carlos, depois de grandes demoras, appareceu á frente das tropas, para soccorrer os seus valentes e fieis subditos. Mas, em vez de exterminar os barbaros, induziu-os a levantarem o sitio mediante uma porção de prata do peso de setecentas libras, e permittiu-lhes passarem o inverno na Borgonha, que abandonou á sua cubica.

888. Este vergonhoso tratado indignou os espiritos. Francezes, alemães, italianos, todos se sublevaram, e depozeram um principe tão pouco digno de governar nações guerreiras. *Arnoul*, filho bastardo de Carloman, succedeu-lhe no imperio; e os francezes escolheram para seu rei *Eudes*, conde de Paris, um dos mais esforçados principes do seu seculo, que mais d'uma vez tinha expulsado os normandos do territorio da capital. O monarcha desthronado, obrigado a viver das esmolas do arcebispo de Mayence, morreu sem soccorro, pouco tempo depois da sua desgraça. Conta-se que o ceo se abriu durante as suas exequias; o que prova, dizem os antigos annaes, que este principe, despresado dos homens, agradava a Deus. Era com effeito um homem justo, devoto mesmo até ao excesso, que não tinha outro vicio senão o de estar abaixo do seu grau e poder. Não se lhe dá o nome de Carlos III, porque é olhado unicamente como regente de França.

Continua.